

FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS

NUMERO 99

Assigna-se e vende-se em casa do sr. Joaquim José Vieira da Rocha, na rua do Souto n.º 41.

Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, Travessa de S. João n.º 10.

Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 15200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 15300 rs. — Semestre 730 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs

3.º ANNO

ADVERTENCIA

O escriptorio da redacção e administração d'este jornal já não é na rua do Souto, n.º 41, mas sim na Travessa de S. João n.º 10. Toda a correspondencia, pois, relativa á redacção e á administração deve ser dirigida para alli, aonde se achará sempre aberto o escriptorio e presente um empregado.

BRAGA 5 DE FEVEREIRO DE 1872

Somos exclusivistas mas não intolerantes.

A verdade, que é uma só, e a caridade, que é para todos, são a base unica d'este principio inabalavel, que tem atravessado os seculos e as gerações, e ao qual a mão do erro e a lima do tempo jámais lhe tocarão na forma, quanto mais alterar-lhe ou modificar-lhe a essencia = *devenos ser exclusivistas, mas não intolerantes.*

Fundamento de toda a ordem intellectual, porque se firma na unidade, este principio é, também, o fundamento de toda a ordem moral, porque se estêta na tolerancia, filha da caridade.

Toda theorica, a primeira ideia d'este principio é a traducção da intolerancia para com o erro; toda pratica, a segunda ideia d'este principio é a expressão da tolerancia para com as pessoas.

E como não havia de ser assim, isto é, como não devia haver intolerancia para com o erro se as ideias ou principios, que mutuamente se excluem, e naturalmente se repellem pelos caracteres que entram em sua composição, não se podem amalgamar, e, por tanto admittil-os, ou como igualmente verdadeiros, ou como igualmente falsos, sem cairmos no absurdo ontologico de que *uma coisa pôde ser e não ser ao mesmo tempo?*

Não será um dos caracteres da verdade não poderem ser e não serem verdadeiras duas coisas oppostas?

Logo a tolerancia para com o erro conduz-nos, necessariamente, ou á admissoão de tudo, como verdadeiro, isto é, á indiferença, ou á negação de tudo, como falso, isto é, ao scepticismo.

Ponhamos exemplo: aquelle que no campo dos principios respeitasse os systems legitimista, constitucional, republicano etc., dava assim, um testemunho sem replica de que ou todos eram verdadeiros ou alguns tinham parte da verdade; ora, sendo os seus principios fundamentaes, completamente oppostos, e, sendo a verdade uma só, segue-se que repugna á razão que todos os systems mereçam igual homenagem, e por conseguinte igual tolerancia.

O Christianismo, unico e fiel depositario da verdadeira religião, é, também, exclusivista no campo dos principios, por ser elle, sómente, o que possui a verdade em materia religiosa; e os catholicos não podem admitir outros dogmas que não sejam os da Igreja Catholica.

E bem expressiva a sua doutrina, formulada n'este principio theologico: *Extra Ecclesia non est salus*: não ha salvação fóra da Igreja Catholica. Mas é d'esta mesma intransigencia com os principios que nasce a tolerancia com as pessoas que os seguem; porque só quem estiver convencido de que segue uma verdade é que pôde ver os seus adversarios victimas do erro ou da cegueira das paixões.

A boa fé, e a ignorancia invencivel, dizem os melhores theologos, escusam de culpa mortal os que não seguem a doutrina da Igreja; de maneira que entre os selvagens, scismaticos, herejes, pôde haver algum que na boa fé e ignorancia invencivel esteja no espirito da Igreja Catholica, embora não esteja na sua communhão externa.

E pois, esta circumstancia, além de outras que nos obriga a ser tolerantes para com as pessoas que professam principios oppostos aos nossos, quer sejam religiosos quer politicos.

São brilhantes os testemunhos que a historia da Igreja Catholica nos offerece,

desde que seu divino fundador morrera pela verdade, pedindo a seu Pae Eterno pelos algozes, até hoje que o seu Chefe, proferindo o *non possumus*, ora pela conversão de seus inimigos.

Os martyres dobraram submissos e humildes o pescoço debaixo do cutello do algoz para não dobrarem o joelho diante dos idolos do paganismo; morreram para que a verdade triumphasse; oravam pelos que lhe tiravam a vida; e na occasião mesmo em que seu sangue innocente excachouva debaixo da machadinha do licitor uma prece fervorosa rompia as nuvens e abrandava a cólera do Senhor que pedia vingança para os perseguidores da sua creença.

Era a guerra aos principios e a paz aos homens!

E esta guerra, ao passo que o Christianismo se propagava por todo o mundo, foi levada a todas as instituições da sociedade, quer scientificas, quer politicas; e esta paz, dada pela mesma religião no oculto, no amplexo fraternal de todos os homens foi concedida em todas as camadas sociaes, por mais diversas que fossem o seu caracter, posição e principios religiosos e politicos.

E nós, legitimistas, cuja bandeira tem este lema — Deus Patria e Rei —, estendemos os braços a todos sem distincção de cor, ao passo que fechamos os olhos aos principios que não são os nossos.

Não, não nos chamem exclusivistas ou reaccionarios senão no campo theorico, no campo dos principios, porque no campo pratico, no campo da personalidade, somos tolerantissimos como nol-o pede o patriotismo, como nol-o manda a caridade.

E em nosso jornal temos, escrupulosamente, seguido este grande principio da vida religiosa e social; e, se alguma vez analysamos, com o escalpelo da critica, factos personificados não fizemos mais que cumprir uma lei da historia á qual pertencem, porque foram do dominio publico.

Nunca alteramos, nem para augmentar nem para diminuir, e jámais o faremos, os nossos dogmas religiosos e politicos, ainda que para os sustentar immaculados seja preciso gottejar todo o sangue de nossas veias, e offerecer o sacrificio da nossa vida; as grandezas da ambição, as riquezas da avareza, os prazeres da voluptuosidade, e o que mais é, os caprichos da vontade, as susceptibilidades d'espirito, as commoções de bem estar, isso tudo sacrificaremos no cumprimento da religião, na satisfação da caridade, no intuito da grande approximação do genero humano pelos laços de verdadeira, e não fingida concordia.

Podem arrancar-nos um grito de dor, mas nunca uma blasphemia; algemar-nos os pulsos, mas nunca o pensamento; laquear-nos a lingua mas nunca o espirito. Podem atirar-nos com ouro, mas nós rejeital-o-hemos; accender o thuribulo da lisonja, mas nós não dobraremos o joelho ante o idolo de seus falsos principios; abrir diante de nós, uma perspectiva lisonjeira, desdobar diante de nossos olhos um horizonte de felicidade, mas nós mostrar-lhe-hemos nos olhos o desprezo que se vota a um sonho, e nos labios a importancia que tem uma pouca de terra de melhor cor.

Perguntae á Mocidade legitimista: se é intolerante? e ella responder-vos-ha — não somos! Perguntae-lhe: se é exclusivista? responder-vos-ha: Somos!

Perguntae-lhe ainda, em que consiste essa tolerancia, e ella responder-vos-ha, com a mão no peito: na caridade, no amor de todos, na igualdade santa, na fraternidade sublime da religião de Jesus.

Perguntae-lhe, por fim, em que consiste este exclusivismo e ella responder-vos-ha, com a mão na intelligencia: na admissoão da verdade, na exclusão do erro, na intransigencia dos principios contrarios aos nossos.

Quereis, agora, que estejamos com-vosco? nunca. Quereis, á vista d'isto, que respeitemos as vossas ideias? nunca. Quereis, em presenca d'este principio que sejamos traidores á nossa consciencia? nunca.

Nunca, nunca o faremos. Havemos de ser hoje como sempre amigos das pessoas e inimigos das ideias.

Bateu a hora dos desenganos!

Já longo, e bastante para desenganos, é

o tempo de prova soffrido por um partido que, além d'outros titulos que justificam seus principios, tem em seu abono uma historia de feitos illustres, para contar os quaes, não chegam sete seculos.

Depois de o desapossar de direitos que a mão do homem, por mais robusta que seja, jámais poderá destruir ou sophismar, a revolução cuspiu-lhe na face, tres vezes veneranda, e sempre venerada pelos seculos passados, baldões e affrontas, atou-o ao pelourinho do ridiculo, brandiu sobre sua cabeça o punhal do sicario, pintado d'azul e branco!

Mas chegou o tempo dos desenganos; e aquellos que olham para a coroa real e a vêem sem joias; que olham para o sceptro de realza e o vêem repartido em pedaços por gente ignobil e ambiciosa; que olham para os cofres publicos e os vêem esgotados; que olham para o sangue do povo e o vêem gotejando nas taças d'esses banquetes, aonde rivalisa a intemperança com os esbanjamentos; que olham para os portuguezes e os vêem arrastando difficil e penosamente os grilhões do poder, ou influencia estrangeira, esses, não poderão ouvir com indifferença a voz da consciencia, nem tão pouco que, ao mesmo tempo que anathematiza os duros tratos dos algozes da patria, brada razão e justiça para as victimas que somos nós.

Quem desmentiu essa accusação, tão injusta como falsa, de que eramos a personificação do *obscurantismo*; a causa unica do *retrocesso*, senão as leis anormais que vão d'encontro aos interesses d'un povo inteiro, escriptas com as bayonetas estrangeiras no solo da nossa patria?

Quem respondeu por nós quando eramos arguidos de pormos obstaculos á marcha *progressiva* da sociedade senão o edificio social e politico levantado por elles em alicerces d'areia, amassada com sangue de portuguezes?

Quem hade justificar a victima senão o ferro fratricida que o algoz ainda mostra tinto em suas mãos? Quem hade fallar por nós em desinteresse e patriotismo senão as ambições desmedidas, o egoismo sem igual em que se revolvem os nossos contrarios? Quem hade garantir nossas promessas senão um passado cheio de gloria, um presente vergonhoso?

Quem foi que nos preparára o caminho da restauração da nossa independencia, nacionalidade e grandeza, senão os des-acertos sem conta, as vinganças sem numero d'essa gente que por ali redemoinha ebria de humilhações, sacrificios e sangue d'irmãos?

Bateu a hora dos desenganos; já ninguém duvida abraçar-se ao sagrado pendão de nossas creenças, venerando simulacro que nos foi legado por nossos avós, vestido de purpura, baseado na justiça e corado de louros.

A Europa está-nos fazendo justiça; e hoje mais do que nunca estamos vingados com o procedimento de nossos adversarios, com o testemunho insuspeito de nossos inimigos, com o alcance importantissimo dos acontecimentos actuaes, e, sobre tudo, com a prudencia e constancia dos nossos.

A occasião chegará. A revolução agonisa; a legitimidade rejuvenesce vigorosa e cheia de vida.

A iniquidade, traduzida em tantas leis e actos publicos, succumbe; a verdade, desprezada e banida de quasi todas as nossas instituições sociaes, triumphou.

Sente-se já o rumor da pedra que esconde as nossas glorias passadas e furtar das vistas venenosas e traçoceiras de portuguezes degenerados o código de leis que nós fizemos felizes por tanto tempo. Eia, ergamol-a com força; arrojemol-a para longe; e mostremos como a verdade, a justiça e o direito zombam dos sophismas dos homens, das injurias do tempo, das vicissitudes humanas.

A Allocução de Pio IX e a Russia.

Ha mais d'um seculo que o principe de ferro e o Czar do Norte se dam as mãos a respeito da politica europeia.

Berlim calla-se quando lhe convém; e n'este caso falla, pelo chanceller prussiano, S. Petersburgo.

Dá-se o mesmo a respeito da Russia quando lhe é preciso guardar silencio. A allocução pontificia de 23 de dezembro foi

calumniada pela imprensa official de Bismark, ao passo que os jornaes de S. Petersburgo publicaram-lhe o texto e acompanharam-no de cavillosos commentarios.

Quando a França dava leis á Europa, e do mappa geographicco mandava desaparecer um reino, ou da carta politica a autonomia d'un povo, a Russia guardava a politica expectativa do lado da Austria; porém, hoje que a França está humilhada, a Russia estreita-se de cada vez mais com a Prussia, porque está firma seu poder em maior numero de bayonetas.

Não tem sido nada honroso o procedimento da Russia a este respeito; cavillosa, e machavelica chega a ponto de não manifestar os seus planos politicos senão quando alcança victoria completa ou decisivos triumphos.

Foi assim, que ella procedeu na occasião em que separou da Igreja Catholica milhares de Rutenos!

Ha mais de cinco annos, que a Russia parecia achar-se satisfeita com o silencio da Santa Sé, a respeito do seu Czar; porém d'esse silencio nada podemos concluir senão o amor de Pio IX para com os catholicos polacos, callando-se para evitar maiores males e desgraças.

Logo que o governo moscovita venceu a insurreição polaca, tirou d'aqui pretexto para rasgar a concordata da Santa Sé; e d'este modo supprimiu os ordens religiosos, despojou o clero tanto regular como secular de seus bens, desterrou quasi todos os bispos e milhares de padres, fundou o celebre collegio, d'onde governam, tudo o que diz respeito á jerarchia ecclesiastica, padres e leigos scismaticos.

Pio IX eleva sua voz para anathematizar o collegio de S. Petersburgo e reprovar o procedimento do governo russo, e condemnar a perseguição feita aos catholicos; porém a perseguição em vez de acalmar-se recrudescia e os jornaes da Russia dissearam que os actos pontificios encorajaram os polacos á resistencia e que melhor aproveitaria ao Catholicismo o silencio da Santa Sé que os seus protestos; e que se o Papa se callasse, o Czar em vez de perseguir os catholicos os accumulava de beneficios.

A' vista d'isto: que fazer? O Papa guardou silencio e com elle toda a imprensa catholica. Não tardou logo a imprensa italiana e prussiana a clamarem contra o Papa dizendo que haviam negociações entabuladas por M. Kapnist entre as duas potencias e que estas negociações não tinham outro fim senão a segurança do poder temporal á custa da approvação do collegio.

A Santa Sé callou-se; e contentou-se com a refutação dos jornaes catholicos, a este respeito.

No entanto a accusação tem sido repetida milhares de vezes; e as caricaturas que a cada passo se vêem nos muros de Roma, e que representam o urso do norte offerecendo ao Papa uma porção de poder temporal em troca d'un punhado de catholicos, mostram bem o quanto era grande e ao mesmo tempo prudente o silencio de Pio IX.

E, hoje, como sempre, essas negociações não tem tido outro resultado senão a preconisação de muitos bispos para as egrejas do imperio e reino da Polonia.

No entanto, apesar da bondade de Pio IX, o jornal de S. Petersburgo falla do seguinte modo a respeito da Allocução: «publicamos o texto da allocução para que os nossos leitores tenham conhecimento das paixões que se agitam na Santa Sé e de que é ecco o chefe da Igreja Catholica»

Com effeito; os dous despotas do norte não estão sujeitos a paixões? Ah! não é a Santa Sé esse gigante ambicioso que pretende reduzir á escravidão todos os povos, não; o universo inteiro sabe que Roma, não tem outra voz senão a verdade, não tem outra paixão senão a de salvar a sociedade ameaçada, ha tanto, de tamanha dissolução. O mundo sabe quem são os ambiciosos, quaes os tyrannos.

A cólera, continúa o jornal moscovita, é má conselheira. Empregar esta linguagem para obter o respeito é arma muito impropria, no entanto é o que a Sé Apostolica tem feito.

Quando é que Roma tem empregado a linguagem da cólera? Seria quando ella defendera o direito, anathematizara o tyranno, e pedira e supplicara pelo vencido?

Seria quando ella marcára os dominios

do poder civil e do poder ecclesiastico e exclamára, com o Salvador: *dae a Deus o que é de Deus e a Cesar o que a elle pertence?* Seria quando pugnára pela justiça offendida, pela religião ultrajada?

Seria quando ella, invadida por mão armada e traçoceira, gritava por socorro e as nações que deviam ir em seu auxilio, emmulceram e cruzaram os braços? Já não é problematica a boa fé do augusto velho que se diz prezo no Vaticano. Os governos tem a seu cargo as almas e por isso devem julgar da oportunidade das medidas que devem empregar á vista das explosões de cólera que vem de Roma e que perturbam as consciencias?

Ora, não tem graça este modo de fallar do jornal moscovita?

Até aqui quixava-se que a Santa Sé quizera alcançar respeito e homenagem com linguagem colérica, agora é elle mesmo que se encolerisa e aconselha os governos a tomarem medidas convenientes para evitar os excessos de Roma, visto que os governos também governam nas almas. *Risum tenentis!*

O jornal de S. Petersburgo é que quæria ver se conseguia intimidar, com sua linguagem atrevida, a corte romana; porém enganase e para exemplo tem uma historia de muitos seculos. Bastaria lembrar-lhe que a Igreja e o seu Chefe não receberam nem as ameaças nem as violencias de Nero e Diocleciano, como de Juliano Apostata e Izabel d'Inglaterra.

A gazeta moscovita sabe, como todos os jornaes da Europa, que os catholicos ao Summo Pontifice, preferem a este.

A allocução pontificia de 23 de dezembro de 1872, abalou todos os poderes publicos que assentam sua base em illegalidades, injustiças, torpezas e iniquidades; foi a pedra despedida sem mãos da montanha que feriu a estatua com base d'argila, e que tem um pé nas margens do Neva e outro nas margens d'Espreea.

Bemdito seja o Senhor, Deus do livramento, que na pessoa do seu vigario augusto, Pio IX, ensina o caminho recto de virtude por onde os homens devem marchar á conquista dos gosos eternos! Que elle se digne conservar livre a lingua immaculada, que unica nos pôde mostrar o porto de salvamento!

Aduladores hontem, injuriadores hoje.

Do «Bem Publico» de 18 do corrente, transcrevemos o seguinte artigo sobre os aduladores e injuriadores de Napoleão, que desniascára os que adoram o sol quando nasce e o apedrejam quando se põe:

— Os aduladores do imperador Napoleão III, no apogeo da sua grandeza, vingam-se das genullexões d'então com os insultos da hoje. Começando pelo «Sicelo» de Paris, fecha este uma descompostura desbragada, com estas palavras:

«Tal foi o que acaba de fallecer: para a sciencia, um phenomeno; para a historia, um aventureiro; para a moral, um monstro».

Mas quando esse phenomeno, esse aventureiro, esse monstro, coudecorava o redactor principal do «Sicelo», nomeava-lhe a irmã camarista da imperatriz, e favorecia a sua candidatura a deputado, e o convidava aos seus jantares; o jornal não via senão o imperador.

O «Diario Popular», que só depois de Sedan achou defeitos a este principe, diz em 14 do actual:

«Lê-se no «Diario» (do Governo): «Sua magestade el-rei, em demonstração de sentimento pela morte de sua magestade imperial, Luiz Napoleão, toma luto por tempo de dez dias, a começar de hoje, e ordena que a corte tome o referido luto».

«Pelo theor d'este aviso, parece que Portugal não reconheceu a Republica franceza. Luiz Napoleão foi, em virtude d'un voto da Assembleia nacional, despejado da dignidade de imperador dos francezes, e perdeu por esse facto o titulo de magestade imperial».

Pelo theor d'esta censura parece que o

à Providência divina cabe unicamente o poder de os galardoados.

Por mim conservarei para sempre indelevelmente gravados em minha alma os mais gratos sentimentos d'afectuoso reconhecimento de que é capaz um coração de mulher.

Aos excm.^{ss} snrs. Pinheiro Torres, e Albuquerque—este vindo expressamente do Porto assistir á minha operação—Alfredo Passos e Rodrigues Valle, que tão conscienciosamente e com tanta dedicação, coadjuvaram o operador durante as quasi quatro horas do seu improbo trabalho, cumpre-me igualmente significar aqui toda a gratidão de que lhes sou devedora e de que já mais me julgarei quistite.

Não posso deixar de tambem fazer menção muito especial da fineza feita em meu favor pelo digno commandante d'infanteria 8, que não permitiu a banda regimem tal tocasse, como é costume, no passeio publico durante os primeiros dias santificados que se seguiram á minha operação, ou melhor direi em todo o tempo que o distincto operador julgou me seria isso prejudicial. Receba pois sua exc.^a os protestos do meu eterno reconhecimento que pessoalmente espero confirmar.

Restam-me ainda as muitas pessoas d'esta cidade, e de fóra d'ella, e determinadamente todos os dignos socios da Assembléa Braçarense—em parte de cujo edificio fui operada—pois que para aquelles e estes fui objecto de continuos cuidados, e imerecidas finezas, a todos os quaes rogo instantemente, quando me não seja possível fazel-o de viva voz, acceitem por este modo os meus mais sinceros votos de cordial reconhecimento e profundissima gratidão.

Braga 25 de Janeiro de 1873.

Maria do Livramento Gomes de Mattos.

SECÇÃO NOTICIOSA

A caridade publica.—Recomendamos ás almas caritativas Joaquim Dantas Silva Rego, morador no Campo de S. Thiago n.º 15 que se acha em necessidade por causa de molestia de peito que padece.

«Apostolos do mal».—(Da «Palavra»). O nosso correspondente de Berlim continuando a informar-nos sobre os passos dados por Bismark, para espalhar a traducção dos «Apostolos do mal», ultimamente representada no theatro Baquet, diz-nos que o príncipe escrevera uma carta a Gladstone a este respeito, e envia-nos copia da carta do allemão e a resposta do inglez.

Como é possível que nem todos os nossos leitores entendam o allemão e o inglez, abstermo-nos de publicar os originaes e daremos as traducções.

Berlim 19 de dezembro de 1862.

SENHOR.

A grande causa da liberdade e da civilização acaba de ter um triumpho completo no Porto, cidade do reino de Portugal.

Um litterato distincto, traductor das cartas da fallecida condessa de Montemeri ao Papa, traduziu igualmente o magnifico drama intitulo «Os Apostolos do mal», que o imbecil governo de Thiers prohibira a patria dos penicheiros comprehendendo o alcance d'esta produção inimitavel, com um desfecho soberbo, deitado pelo traductor, e applaudiu-a freneticamente.

Tenho a honra d'enviar a v. exc.^a uma copia authentica d'este drama, onde v. ex.^a encontrará em linguagem eloquente o desenvolvimento dos motivos porque julguei dever expulsar dos estados do imperio os jesuitas. Chamo a especial attenção de v. ex.^a para este trabalho monumental, esperando que o governo de Sua Magestade Britanica siga o exemplo que lhe deu a Alemanha e acompanhe o seu fiel aliado na manifestação estrondosa que acaba de dar contra os jesuitas.

Assim v. ex.^a salvará a liberdade no Reino Unido, e lavará a mancha de reaccionario que o deshonra.

Aproveito a occasião de significar a v. ex.^a o testemunho da minha alta consideração.

Bismark.

Londres, 23 de Dezembro de 1872.

SENHOR.

Tive a honra de receber o despacho de V. A. datado de 19 do corrente, em que V. A. enviando-me a copia da traducção do drama intitulo os «Apostolos do Mal», feita por um distincto litterato portuguez, chama a especial attenção do governo de Sua Magestade para esta obra inimitavel, e solicita o mesmo governo para seguir o exemplo que lhe deu a Alemanha, e acompanhar o seu fiel aliado na manifestação

estrandosa que acaba de dar contra os jesuitas.

Apenas recebi o despacho de V. A. tomei as ordens de Sua Magestade, que me encarrega de agradecer a V. A. a exposição, que lhe faz, pelo drama, que me remette, dos motivos que demoveram a V. A. para expulsar os jesuitas do territorio do imperio; notando contudo Sua Magestade que sendo anterior ao apparecimento da traducção do drama a lei expulsoria dos jesuitas, fosse mister que um litterato portuguez viesse pela sua transcendente traducção, offerecer a V. A. os motivos d'uma medida tão violenta e tão pouco em harmonia com os principios liberaes, de que V. A. se diz defensor.

Esta circumstancia torna-se tanto mais reparavel quanto V. A. não julgou até hoje acertado explicar ao governo de Sua Magestade as razões que influiram no seu animo para levantar o facho das discordias religiosas, entre os subditos de Sua Magestade o Imperador e Rei e de seus augustos aliados, os principes soberanos da confederação germanica.

O governo de Sua Magestade não pôde deixar de sentir que V. A. chame imbecil ao governo de que é chefe Mr. Thiers. As boas relações de amizade, que felizmente existem entre o governo do Reino Unido e o da Republica, obrigam-me a não poder tomar parte na apreciação, que me parece menos justificada, que V. A. faz do governo que preside nos destinos da França.

Apellando para a salvação da liberdade V. A. aconselha o governo de Sua Magestade a seguir o exemplo dado pela Alemanha expulsando os jesuitas, e corrobora o seu argumento com o modo como a patria dos penicheiros recebeu a traducção do drama citado, quando representado sobre o palco do theatro chamado Baquet. Sua Magestade me incumbem igualmente de agradecer com o maior reconhecimento os conselhos que V. A. se digna dar-lhe, e ao mesmo tempo de dizer-lhe que a liberdade em Inglaterra comprehende se por modo muito diverso do que ella é entendida na Alemanha e em Portugal. Entre nós a liberdade consiste em não violentar a consciencia de ninguém, não forçar pessoa alguma a fazer ou deixar de fazer votos religiosos; deixar a todos franco o modo como querem servir a Deus, não entorpecer a sua acção e não pôr estorvo á sua vocação, contanto que respeite a liberdade dos outros e a auctoridade do governo e das leis. Tenho a honra de ser protestante e de fazer parte d'um governo, cujo augusto chefe é protestante, e por isso não posso sympathisar com a ordem de Jesus essencialmente catholica e tão poderosa pelas suas virtudes e disciplinas, que se os governos a deixassem desenvolver e trabalhar, dentro de alguns annos converteriam todos os homens á religião que tem por chefe o Summo Pontífice; mas, não obstante este reconhecimento da sua influencia, as leis e os costumes inglezes e o respeito do governo britanico pela liberdade não permitem que se tomem medidas que a atacariam profundamente deixando após si um pernicioso exemplo.

Não posso porém deixar de confessar que V. A. sendo menos escrupuloso n'estes principios e querendo evitar os progressos rapidos que o catholicismo fazia na Alemanha, adoptou um expediente, barbaro sim, mas efficaç para a consecução dos seus intentos. Não comprehendo porém o governo de Sua Magestade com o governo portuguez, que se inculca catholico e cujo rei se intitula fidelissimo, segue n'estes assumptos uma politica identica á dos governos mais contrarios á Egreja Catholica, manifestando assim ao mundo a contradicção mais repugnante entre as palavras que emprega, e os factos, que pratica.

Aproveito mais uma vez a occasião para testemunhar a V. A. os sentimentos da minha mais elevada consideração.

Gladstone.

o talento e o espirito.—(Do «Correio do sul»). O conde Antonio Rivarol, um dos mais espirituosos escriptores do seculo passado, acha entre o espirito e o talento as seguintes curiosas differenças.

O espirito em qualquer grau que se possua, é mais ávido de conceber e de produzir; o talento mais zeloso de exprimir e de orar.

O espirito occupa-se do fundo, que escava sem cessar; o talento liga-se á forma, que constantemente trata de embellezar.

O espirito tem necessidade de que se lhe diga—intendo-vos—o talento tem necessidade de que se lhe diga—admiro-vos.

O espirito esclarece, o talento encanta.

O espirito pôde desvaizar, mas recia o erro; o talento familiarisa-se até com o erro e tira d'elle partido.

O espirito tem muitos juizes, o talento muito admiradores.

O talento é suscetivel aos vapores do orgulho e ás tempestades da inveja, o espirito é isento d'ellas.

E nós juntamos, quando o espirito illumina, o talento fulgura.

Quando o espirito desce, remonta-se o talento.

Se o espirito é a sciencia, é a arte o

talento, e da aliança d'estas duas sacerdotisas é que nascem os grandes genios.

A imperatriz e seu filho por occasião da morte de Napoleão 2.º—E tocante um trecho que se lê no «Universo» a respeito da noticia da morte do ex-imperador dos Francezes, a seu filho.

«O desgosto da imperatriz é indizivel; uma unica coisa a iguala: a sua coragem e altura dos seus sentimentos christãos.

«Quando o príncipe hontem chegou:—Meu pae! exclamou elle, apeando-se da carroagem.

«O conde Davilliers pegou-lhe nas mãos.

«—Senhor, lhe disse M. Davilliers, é preciso coragem! O imperador está bem mal! Neste momento o príncipe viu o cura de Chislehurst; empalidecen horrivelmente e vacillou primeiro; depois reprimiu este primeiro effeito da dôr; o seu olhar tornou-se fixe; assustava vel-o.

«Digam-me a verdade, tornou elle, com uma voz alterada; eu tenho força para a supportar.

«Soluços foram a unica resposta. Emfim, a imperatriz pôde dizer-lhe entre lagrimas apertando-o estreitamente em seus braços:

«—Luiz, meu pobre filho! eu não tenho senão a ti!

«Nem uma unica lagrima saiu dos olhos do príncipe, que, sem proferir palavra, correu ao quarto de seu pae.

«Ajoelhou alli, e rezou em alta voz o *Pater noster* em latim.

«Quando acabou esta oração, exclamou com um sentimento de louca dôr:—Não posso! Não posso!

«Em seguida encerrou-se no seu quarto.

«Só depois de ter ouvido a dolorosa narração, do barão Corvisart e do doutor Connean, é que os seus nervos desaflogaram. Derramou então abundantes lagrimas.

«O príncipe retirou-se depois para o quarto de sua mãe; junto da qual se achava Mm.^o Breton, que lhe prodigalisou os cuidados e provas de dedicação as mais ternas e mais delicadas.

«A imperatriz e o príncipe vão muitas vezes no dia ajoelhar e rezar junto do leito do imperador.

«Napoleão III está estendido sobre a pequena cama de ferro onde morreu, no seu tão simples e modesto quarto. Algumas flores estão postas sobre elle. Aos pés da cama, n'uma meza, collocaram um santo sacramento (?) e um ramo de bucho n'um vaso de cobre cheio d'agua benta.

«O rosto do imperador tem impressa uma belleza tranquilla e serena; conservou o reflexo da elevação d'alma, da bondade e da egualdade de humor que nada pôde alterar nunca um instante. = Francis Aubert ».

Descoberta dos corpos dos Santos Apostolos Filippe e Thiago, em Roma.—(Da «Palavra»). O Sancto Padre Pio IX, no discurso dirigido aos jovens de Roma no dia 16 do corrente, alludia á faustissima noticia do achado feito na egreja dos Sanctissimos Doze Apostolos do corpo de S. Filippe e S. Thiago menor. Agora eis como o Padre Bonelli, geral dos menores conventuaes, narra esta preciosa descoberta, e nós traduzimos d'*União Catholica*:

«A basilica dos SS. XII Apostolos de Roma é dedicada de modo especial aos dois apostolos Filippe e Thiago menor, porque n'ella repousam, e talvez desde o V seculo, os seus sagrados corpos, como se recita do Breviario Romano. Não se sabia porém onde estivessem precisamente, e era tradição que haviam sido escondidos de maneira que ninguém os pudesse encontrar. Mas um antigo manuscrito achado ha poucos mezes no arquivo do nosso convento notava que debaixo do altar-mór existia o sepulchro d'estes dois sanctos Apostolos.

Agora, nos reparos geraes a que se procedem na basilica, devendo o altar-mór ser collocado mais alto, foi preciso remover o peço por peço, e assim, sem tanto rumor, puderam procurar-se os santissimos corpos. De facto, removido inteiramente o altar com os seus largos degraus e supedaneo, hontem de manhã, 15, deslazia-se a forte e larga parede interior, quando pelas 10 horas da manhã se descobriram justamente em linha recta sob o altar e o supedaneo, á profundidade da superficie do pavimento do presbyterio, duas grandes lapides, junctamente connexas, de bellissimo marmore phrygio, tendo em cima uma cruz equilateral, que as abraça até aos quatro extremos, bellamente esculpida em relevo. Removida a lapide correspondente sob o supedaneo, encontron-se um vão cercado de grossas paredes brutas, mas vasto. Tirada depois a lage divisoria, precisamente sob o altar, appareceu outro vão circumdado de todos os lados de bellas lages de marmore phrygio, onde estava um cofre de faia, na maior parte damnificado, que encerrava os ossos e as cinzas dos dois santissimos apostolos Filippe e Thiago menor.

Porém ao remover aquelles sanctos ossos para os depositar em nova caixa, lem-

brun-se a comissão d'archeologia sacra que justamente no meio do plano do recinto existe um buraco circular que dá para um segundo recinto inferior, todo revestido de marmore phrygio, dentro do qual estão fragmentos d'ossos, cinzas e espinhas impregnadas de sangue.

Levantado legalmente o auto, e assignado por muitos circumstantes, foram aquelles restos fechados e sellados, e com grande piedade e commoção dos assistentes levaram-nos para o tabernaculo das sanctas reliquias da basilica, uns hontem á noite depois das Ave-Marias, e outros hoje mesmo.

Hontem á noite fomos immediatamente, o reverendissimo Padre geral e eu, dar tão fausta noticia ao Sancto Padre Pio IX, o qual, ao ouvir-nos a miueiosa narração, de tal modo se alegrou e bemdisse o Senhor, que não ha mais dizer; e na sua inextinguivel caridade e munificencia deu-nos, sem que l'ha pedissemos, uma terceira offerta de 100 napoleões d'ouro, dizendo graciosamente que era uma pouca de cal para reconstruir a sagrada urna dos SS. Apostolos.

Para collocar mais dignamente as sagradas cinzas d'estes dois gloriosissimos Apostolos já se edificou um Hypogeo em cuja construcção se descobriram os vestigios do pavimento e dos alicerces da antiquissima primitiva basilica, os quaes vestigios ficarão sempre visiveis. Porém a es treizeza dos tempos que correm obrigaram os Padres menores conventuaes dos Sanctos XII Apostolos, os quaes, fiados só no nome do Senhor, emprehenderam tão gigantesca obra, a suspender por mais de seis mezes aquelle trabalho que deve concluir o insigne monumento da Roma christã, por absoluta deficiencia de meios pecuniarios.

Seria portanto uma obra não só christã e pia, mas tambem vantajosa á arte, se alguma nobre alma quizesse concorrer com a sua liberalidade para o proseguimento d'aquella restauração, hoje tão adiantada.

Roma, no convento dos SS. XII Apostolos, 16 de Janeiro de 1873. Fr. J. Antonio Bonelli, dos menores conventuaes da Basilica, e procurador geral da Ordem.

Honrosa recusa.—Os magnificos presentes enviados pelo Sulão afim de serem dados ao Sancto Padre continuam a estar depositados em casa do ministro otthomano acreditado junto do rei Victor Manoel.

O Sancto Padre recusa-se nobremente a acceitar taes presentes: 1.º porque nunca consentiria em receber-os por mão d'um embaixador acreditado em Roma junto do rei d'Italia; 2.º porque da Sublime Porta, que na questão armenia não soube decidir-se a fazer inteira justiça aos catholicos, o Papa, unicamente sollicito pelos interesses da Egreja de Jesus Christo, desejaría presentes muy diversos.

Agora saheamos, diz a «Voce della Verità», que no gabinete de Constantinopla se ventillou um projecto que tenderia a fazer desaparecer a primeira difficuldade. Pensou-se em expedir das margens do Bosphoro um personagem encarregado da missão especial de apresentar a Sua Sanctidade aquelles presentes.

O que dirão a isto os que accusam de cubica ao prisioneiro do Vaticano?

Antiguidades.—Os amadores de reliquias gostarão talvez de ler a nota seguinte dos preços pagos nestes ultimos annos por varios objectos de curiosidade historica.

A cadeira de braços de marfim, dada de presente pela cidade de Lubeck a Gustavo Vasa, foi vendida em 1825 a um camarista sueco (M. Schmekel) pela somma de 58,500 florins.

O livro de oração de que o rei de Inglaterra Carlos I se serviu, quando subiu ao cadafalso, foi vendido em Londres em 1825, por 100 guineos (cousa de 90 moedas).

O vestuario de Carlos XII da Suecia, na batalha de Pultawa, e que foi conservado pelo coronel Roson, que seguiu este rei a Bender, foi vendido em 1825, pela somma de 561,500 francos (224,400 cruzados, pouco mais ou menos).

Um fragmento do vestuario de Luiz XVI foi annuciado no catalogo d'uma venda em 1829, e deveria provavelmente chegar a alto preço; mas foi retirado.

O abade de Tersan pagou uma grande somma por um par de sapatos de setim branco, que pertenceram a Luiz XIV.

Um dente de sir Isaac Newton foi vendido em 1816, pela somma de 730 lib. strl. (cousa de 3 contos de réis.) O cavalheiro que o comprou, fel-o engastar em um anel, que trazia constantemente consigo.

A proposito de dentes, deve-se mencionar aqui, que na occasião em que os corpos de Heloisa e Abelard foram removidos dos *Petits Augustins*, um cavalheiro inglez offereceu 400,000 francos (40 mil cruzados) por qualquer dente de Heloisa.

A bengala de Voltaire foi vendida ha pouco tempo em Paris, por 500 francos (81,500 réis.)

Uma cadeira velha, que pertenceu a Kant, philosopho allemão, foi vendida depois da sua morte em 1804, por 200 francos (32,500 réis.)

Uma camizola, pertencente a J. J. Rousseau, foi vendida por 950 francos (152,500 réis); e o seu relógio de metal por 500 francos (80,500 réis.)

Em 1822, a cadeira de Sterne foi vendida em asta publica em Londres, por 240 guineos (180 moedas pouco mais ou menos.)

Em 1825, as duas pennas que serviram para assignar o tratado de Amiens, foram vendidas por 500 lib. strl. (cousa de 450 moedas.)

O chapéo, que Napoleão trazia na batalha de Eylau foi vendido em Paris em 1835, por 1920 francos (317,200). Tinha sido avaliado em 500 francos, e havia 32 licitantes.

Ha em Pezenas (França) uma cadeira de braços, que se diz ter pertencido a Molière, e á qual a tradição deu o nome de *Fauteuil à Molière*. A sua forma dá testemunho da sua antiguidade. Quando Molière vivia em Pezenas, estava costumado a ir todos os sabbados de tarde á loja de um barbeiro, chamado *Jely*, que era o ponto de reunião de todos os ociosos falladores da cidade. Allí se discutia a politica, e se repetia a historioa do dia, de boca em boca. A grande cadeira de braços de pão, de que acima fallamos, estava n'um canto da loja, e era uma sorte de observatorio para Molière, que quando estava sentado nella observava com attenção tudo, o que se passava em roda d'elle. Esta cadeira velha está agora á venda em Paris, e sem duvida vai occupar um lugar em alguma collecção de curiosidades.

Theatro—Pelo annuncio que abãixo segue se vê que amanhã 6 sobre a scena o drama — 29 ou HONRA E GLORIA — Se o papel de *Batuto* for desempenhado por Dias, temos que rir a bandeiras desprezadas. *Honra e Gloria* é um drama que instrue e não desmoralisa.

O — SANTO ANTONIO — é digno de ser visto por todos; sobre a scena sabbado 8, e domingo 9. Crêmos que o sympathico Amaral terá ensejo de colher mais louros, se o papel de *Thaumaturgo* for por elle desempenhado.

THEATRO

DE S. GERALDO.

Companhia Dramatica Portuense

EMPRESA DE LANEUVILLE
Quinta feira 6.
Beneficio dos actores
Cardoso e Taveira

A 1.ª representação n'esta epocha do drama militar de grande espectáculo em 3 actos e 4 quadros, ornado de couplets e hymnos nacionaes:

29

ou HONRA E GLORIA
Sabbado 8 e Domingo 9

Ultimas recitas por esta companhia.

O drama sacro em 3 actos e 4 quadros, ornado de côos couplets:

SANTO ANTONIO.

PREÇOS:—Camarotes de 1.ª ordem, frente, 1,5800; lados, 1,5600; 2.ª ordem, frente, 9200; lados, 2,5000; 3.ª ordem, 1,5000; plateia superior 400, geral 300; galerias, frente 120, geral 100.

—Principiará ás 8 horas.

Hidrofobia.—Hardy nas suas viagens ao Mexico, dá a seguinte noticia od

modo porque alli se cura a hidrofovia (mordedura de animal damnado.)

Achava-me em S. Miguel de Horcasitas, onde vi um sujeito atacado da hidrofovia, amarrado com fortes cordas a um espeque, e junto delle um ecclesiastico, que lhe administrava os ultimos officios da religião.

Uma velha, que por acaso alli chegou, disse, que era capaz de curar o doente; e ainda que ninguem julgasse isso possivel, a certeza de que a morte do atacado era inevitavel, se se não tentasse alguma cousa para o salvar, desvaneceu toda a opposição, e acceitaram-se os serviços da velha.

Esta lançou uns pós dentro de meio copo de agua, defez bem esta mistura, e obrigou o doente a engoli-la nos intervalos que os paroxismos lhe deixavam de descanso. Os effeitos foram exactamente aquelles que a velha havia predicto, que o doente perderia quasi instantaneamente toda a força fysica, e intellectual, e uma especie de torpor mortal parecia apoderar-se delle, sem que se mostrasse symptoma algum de animação até vinte e quatro, ou quarenta e oito horas, segundo a constituição do enfermo; mas que no fim deste espaço de tempo, os effeitos da mistura se fariam sentir violentamente; e o doente pareceria saber de um profundo lethargo, e d'ahi a dez ou quinze minutos, o remedio obraria como vomitorio, e purgante, depois do qual, poderia levantar-se o doente, e nada mais sentiria além da debilidade produzida pelos effeitos combinados da doença e do remedio.

Disse mais, que o liquido que vomitasse, seria negro como o carvão, e de muitissimo mau cheiro. Tudo quanto a velha prelisse se realisou no fim de vinte e seis horas, e o doente se achou livre da mais horripavel, e desesperada morte, que pôde sobrevir a uma creatura humana. A velha tinha lá o seu modo particular de pensar acerca dos effeitos da molestia: dizia que era uma queixa local, que atacava a boca, e que gradualmente se irritava inflammando-se, e assim amadurecia o veneno que era introduzido no cérebro por meio dos nervos, e tambem recebido no estomago pela saliva; que o veneno assim amadurecido na boca, e na raiz da lingua, convertia todos os fluidos do estomago em bilis venenosa, a qual se immediatamente não fosse removida, se misturava com o sangue, e em breve produzia a morte.

O seguinte é o methodo do curativo. —A pessoa atacada deve ser bem segura, a fim de que não possa fazer mal a si, ou aos que o cercam. Põe-se de molho uma maçã, reînhetta, em meio copo de agua, por cinco minutos: isto feito, junte-se-lhe de sevadilha em pó tanta quantidade, quanto se possa tomar com o polegar, e mais dois dedos: misture-se tudo bem, e dê-se isto ao doente, (quer dizer, introduza-se-lhe isto á força pela garganta abaixo, no intervalo dos paroxismos). O doente deve então ser posto ao sol, se for possivel, ou junto a um bom fogo, para que aqueça bem. Se a primeira dóze o amadornar em pouco tempo, não se lhe dá mais; mas se continuar a furia, ministra-se-lhe outra dóze, a qual infallivelmente o socegará. Seguir-se-lhe-ha um profundo sono que durará por vinte e quatro, até quarenta e oito horas, (segundo a força da constituição do doente) e no fim deste tempo deve lançar e purgar bastantemente, o que continuará, até que todo o veneno se tiver extrahido. Então tornará a si, pedirá de comer, e ficará perfeitamente curado.

Existe um indio em Tubutama, que dizem ter um antidoto contra a mordedura do cão damnado, que é superior á sevadilha, a qual só cura a molestia depois de formada. Offereceram-lhe dois mil duros para que descobrisse o seu segredo, mas constantemente o tem recusado. Por cada doente que cura, recebe dez duros, e diz elle que esta pequena paga vale mais do que a somma que se lhe prometten: todo o tempo que estive em Sonora, indaguei se o remedio havia fallado alguma vez; porém todos me affirmaram, que tem produzido constantemente o effeito desejado.

EXPEDIENTE

Aos snrs. assignantes em dividida pedimos o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas, com a possivel brevidade. O atraso em que muitos estam tem-nos causado damnos bastante graves e é por isso que fazemos este pedido.

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.º snr. J. A. no escriptorio do jornal a Na-

ção, na rua do Bem Formoso.

Em Cimbra, o exm.º snr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No Porto, o ill.º sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Em Vianna, Francisco José d'Aranjo Junior, rua de D. Luiz.

Em Mondim de Basto o ill.º snr. João Baptista da Silva Ramos.

Na Covilhã, o ill.º sr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Lamego, o ill.º sr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio Travessa de S. João n.º 10.

AGRADECIMENTO

Narciso José Lourenço Correia, e sua esposa Maria José Augusta Correia, e seu cunhado Joaquim José de Passos, não podendo pessoalmente agradecer a todas as pessoas que os cumprimentaram e offereceram seus serviços por occasião do fallecimento de sua sogra e mãe Catharina Maria Veiga, vem por este meio protestar o seu eterno reconhecimento e gratidão. (94)

ANNUNCIOS

N. B.—A datar de hoje bastará cozer a nossa farinha sóente por um minuto, ja que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozer-a no forno antes de embala-la, o que lhe dá uma cor escura, e um gosto muito melhorado.

Os perigos e os logros que os doentes soffiam até agora com as drogas nauseabundas empregadas, são agora substituidos pela certeza d'uma cura prompta e radical, por meio da deliciosa **Revalesciére du Barry** de Londres, que restitue perfeita saude aos órgãos da digestão, aos nervos, pulmões, figado e membrana mucosa; até aos mais affectados, corando as más digestões (dyspepsias), gastrites, gastralgias, constipações habituaes, hemorroides, palpitações, diarrheas, zumbido nos ouvidos, náuseas e vomitos; dores e espasmos de estomago; insomnias, tosse, oppressão, asthma, bronchites, fúscas, erupções, melancolia, rheumatismo, gota, febre, catarros, hystéria, nevralgia, vicio de sangue, hydropesia, falta de fresquidão e energia nervosa.

EXTRACTOS DE 75:000 CURAS. — N.º 80:416: O snr. conde Stuart de Decies, par de Inglaterra, d'uma dyspepsia (gastralgia), com todos os incommodos nervosos, espasmos, náuseas. — N.º 49:842: A snr.ª Maria Joly, de 50 annos, de constipação, digestão, dos nervos, asthma, tosse, flatos, espasmos e náuseas. — N.º 46:270: Snr. Roberts, de uma con-umpção e surdez de 25 annos. — N.º 53:860: A menina Gallard, de uma fúscia pulmonar, depois de ter sido declarada incuravel, restandolhe poucos dias de vida. — **Du Barry**, 26, Praça Vendôme, Paris. — Em caixas de 1/4 kil. 500 réis; 1/2 kil. 800 réis; 1 kil. 1300 réis; 2 1/2 kil. 33200 réis; 6 kil. 63400 réis; 12 kil. 123000 réis. — **Revalesciére chocolatada du Barry**, em pó Alimento muito fino para almogo e ceia, eminentemente nutritivo, fortificando os nervos, sem causar dores de cabeça nem os demais inconvenientes dos chocolates ordinariamente usados. Em caixas de 12 chavenas 300 réis; 24 chavenas, 800 réis; 48 chavenas 1340 réis; 120 chavenas 3320 réis, cercr de 25 réis por chavena.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chiãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm., V. Botelho de Vasconcellos.—Figueira, Vieira.—Guimarães, Pereira Martins, pharm.—Lamego, Barros, pharm.—Lisboa, Barral Irmão, rua Aurea 128, pharm.—Carlos Barreto, pharm., rua do Loreto, 28.—Porto, deposito central para fornecimento dos depositarios, casa de Ferreira & Irmão, pharm., 77 rua da Baharia, Viuva Desire Rahir, rua de Cedeiteira 92, J. R. de Sequeira, rua da Baharia 65 (casa Vermelha), Henrique José Pinto, largo dos Loyos 36.—Vianna do Castello, Alfonso, droguita.—Villa Real Julio da Silva, droguita.—Vizeu, Santos Paes, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia

Torres.—Povoa do Varzim, P. Machado d'Oliveira.

«Os boticarios, droguitas, merceeiros, etc. das provincias devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Snrs. **Serzedello & C.ª** Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.» Deposito em Pernambuco: Ferreira, Maia & C.ª, rua Duque de Caxias. (1)

ATTENÇÃO

Quem quizer vender acções do Banco do Minho, fallé com o entregador do Futuro, rua de Sapateiros n.º 8, dando-lhe seu nome e morada por escripto. (96)

A EGREJA CATHOLICA ROMANA

OS SEUS PERSEGUIDORES

Crises principaes por que ha passado a Igreja — seus triumphos — castigos dos seus inimigos.

por D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

(Porte inferi non praevalébunt adversus eam.

MATH. XVI, 18.)

Sob este titulo vaé brevemente sahir á luz um livro, no qual se historiam as crises mais perigosas, por que tem passado a Igreja de Jesus Christo, e se demonstra como, no decurso de 19 seculos, não tem deixado de patentear-se a divina protecção promettida á mesma Egrela pelo seu Fundador: — *E as portas do inferno não prevalecerão contra ella.*

Mostra-se mais, á luz da historia, que se os inimigos perseguidores da Igreja jámais têm ficado impunes, especialmente aquelles, que tem exercido as suas violencias na pessoa dos successores de S. Pedro, os Pontífices Romanos.

Nos tempos perigosos e difficeis, que vamos atravessando, a leitura d'esta obra será de algum proveito, para fortificar os tibios, alentar os fortes, e lembrar aos que abuzam do seu poder e auctoridade em detrimento dos direitos da Igreja, que algum dia soará para elles a hora da divina justiça, como tem soado sempre para os perseguidores contumazes da Esposa do Cordeiro.

Esperamos pois que o publico protegerá uma publicação, cujo é prestar um serviço á causa da Religião que é tambem (e agora mais do que nunca) a causa da sociedade.

As pessoas que desejarem obter este excellento livro, que será impresso em bom typo e optimo papel pela diminuta quantia de 100 réis queiram assignar no presente prospecto e devolvê-lo depois á livraria do editor Jacintho A. Pinto da Silva, rua do Almada n.º 134 a 136, no Porto, onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.

Tambem se recebem assignaturas nas seguintes localidades:

Em Lisboa, na Livraria Catholica, José A. Rodrigues, Martins Lavado, Zeferino, Campos Junior, Antonio Maria Pereira e outros.—Em Coimbra, na de José Mesquita, Manoel Cabral, e outros.—Em Braga, Livraria Catholica.—Villa Real, Antonio Custodio da Silva.—Guimarães, J. A. Freitas Guimarães.—Lamego, F. Marques da Rocha—Vizeu, F. Ferreira dos Santos, e José Maria d'Almeida.—Ilha de S. Miguel, Marianno Machado,

IMPERIO DO BRAZIL

Preço por assignatura, encadernado 23000 réis.

Rio de Janeiro, ao cuidado dos snrs. Jacintho A. Pinto da Silva Junior, rua Nova do Ouvidor, n.º 23, (casa do snr. Pereira Braga) e Antonio Alves Matheus, rua da Quitanda, n.º 177. — Em Pelotas (Rio Grande do Sul) ao cuidado do snr. José Antonio Gonçalves Rodrigues.

PORTUGAL

NA SUA DECADENCIA OBSERVAÇÕES POR **Um Amigo da Patria** E DADO A LUZ POR L. F. de Castro Soromenho.

Vende-se por 120 em Lisboa na rua da Condessa n.º 58, 4.º andar.

VIDA DO NOVO BISPO D'ANGRA

Por Carlos José Caldeira. Folheto de 120 pag., com o retrato em gravura do mesmo bispo, nitidamente impresso na typographia de Castro Irmão. Contém 12 capitulos com os seguintes titulos: Sua infancia—Estudante em Sernache do Bom Jardim—Administrando os negocios publicos na terra do seu nascimento—Estudante na Universidade—Se-

cretario do bispo de Braga—Deão e vigario geral em Leiria—Superior do collegio das Missões—Estado do collegio das Missões, e elogios officiaes ao seu superior—Crise no collegio das Missões Ultramarinas—Bispo eleito e confirmado de Macau—Sagração do bispo d'Angra—Character do bispo d'Angra.

Tem um aditamento dividido em 4 capitulos com as rubricas: Analyse do relatório que procede o decreto de 21 de setembro de 1870 (que reorganizou o seminario de Macau)—Analyse do mesmo decreto—Effeitos do novo regulamento do Seminario de Macau—O padroado portuguez na China.

Vende-se em Lisboa nas livrarias Lavado, rua Augusta; Rodrigues, rua do Ouro; Catholica, rua dos capelistas; Mesquita, em Coimbra; Catholica no Porto, e nas principaes de Braga, Bragança, Leiria e Guimarães.

Preço 300 rs.

Sermão celebrando o faustissimo dia do XXVI anniversario da gloriosa coroação de N. S. S. Padre Pio IX, o Grande, pregado na parochial igreja de Nossa Senhora dos Mortyres em Lisboa, pelo padre Joaquim da Silva Serrano Prior de Bellas.

Vende-se nesta cidade na Livraria Catholica por 100 rs., e 103 sendo remittido pelo correio.

LIVRARIA

CATHOLICA

39 Rua do Souto 39

BRAGA

Tem á venda

- Almanak do Bom Catholico p.ª 1873 100 rs.
Almanak da Familia Catholica 40 »
Almanak Familiar 100 »
Açafate Eucharistico ou o mez de Junho consagrado ao S. S. Sacramento 240 »
Entretenimento do coração devoto com o S. S. Coração de Jesus 200 »
Methodo de conversar com Deus, por Mez Theresiano, ou o mez d'Outubro 120 »
Mez das almas do Purgatorio 240 »
Mez de Jesus ou o mez de Janeiro 350 »
Martyr do Golgotha, 2 vol broch 1200 »
Novena do Nascimento do Menino 120 »
Novena da Immaculada Conceição 100 »
Novena de S. Sebastião 120 »
O novo mez de Março homenagem a S. José 240 »
Theouro Mystico, pelo P.º missionario João Manoel de Souza Teixeira 240 »
Além d'outras muitas obras pias e literarias, tem uma linda e variada galeria de registos e estampas portuguezas, francezas e allemãs, que vende por preços muito commodos.

PORTUGAL DESDE 1828 a 1834 (obra historica)

Francisco A. da Cunha Pina Manique Está á venda em Lisboa na Livraria Lavado, rua Augusta 95, e na loja de papel do snr. Silva, rua Nova do Almada n.º 68. Preço 600 réis.

Theouro Mystico, pelo padre missionario João Manoel de Souza Teixeira. Vende-se na Livraria Catholica por 240.

Photographia do Senhor D. Carlos VII e sua esposa a Senhora D. Margarida.

Vende-se na Livraria Catholica por 160 reis cada uma. Estes retratos são vindos directamente de Madrid, e tornam-se recommendaveis por serem os mais fiéis que até hoje tem apparecido.

Chronologia sagrada ou As sete idades do mundo, por João Manoel Fernandes de Magalhães. Vende-se na Livraria Catholica por 100 rs.

BRADOS D'ALMA

Collecção de diversos escriptos sobre assumptos de religião, philosophia e litteratura

POR

CUSTODIO VELLOSO

Preço..... 300 réis

(Pagos no acto da entrega)

Assigna-se na redacção d'este jornal.

AÇAFATE EUCHARISTICO

OU

O MEZ DE JUNHO

CONSGRADO AO AGUSTO MYSTERIO DO ALTAR PELO

Padre José Maria Vieira da Rocha

Vende-se na Livraria Catholica rua do Souto. Preço 240 reis.

LIVRARIA

DE

EUGENIO CHARDRON

- Chateaubriand - Os Martyres, 2. vol. 13400
— Genio do Christianismo, 2 vol. 13500
Cardeal Wissemann - Fabiola ou a Igreja das Catacumbas, romance religioso, 2 vol. 13500
Roquette - Sermões em honra de N. Senhora, 4 vol. 13200
Roquette - Homelias e Sermões 13800
Guilhois - Explicação litteral e moral das Epistolas e evangelhos, 2 vol. 13500
Venillot - Vida de Jesus Christo 1. vol. 400
Padre Marchal - A mulher como deveria sel-o, 1 vol. 400
Padro Gauine - Onde estamos? 4 vol. 300
Vozes propheticas, ou Apparições e predições etc., tracção do Rvd.º P.º Marnoco, 1. vol. 250
Todos estes livros são remettidos francos pelo correio.

RIFA IMPORTANTE

Vão rifar-se 20 objectos de valor, sendo um dos premios 24 fardamentos para uma philharmonica, o qual está quasi novo e é composto de calça de pano fino escarlata; de casaco de pano azul com alamares de retroz amarello — cinto de seda com feixos dourados — charlateiras de metal dourado — barretina guarneçada e com pluma de pita encarnada e chapa dourada. E' um dos mais ricos fardamentos que se tem feito para philharmonicas, tendo sido o seu custo superior a rs. 1:000\$000. Os outros premios são: um excellento bilhar de pau preto, marchetado, e com os seus pertences; um rico relógio de ouro que trabalha em diamantes; objectos de ouro e prata, colchas de damasco, etc.

O valor dos 20 premios, é de reis 7500, em 5:000 bilhetes a 150 rs. Quem quizer bilhetes d'esta rifa, pôde dirigir-se pelo correio em carta ao snr. Ambrosio dos Santos Victor—Aveiro—largo da Vera-Cruz, enviando-lhe o importe dos bilhetes que pretender, em estampilhas ou sellos.

Quem, porém, quizer fazer a aquisição de bilhetes não deve demorar o pedido, porque a rifa effectuar-se-ha logo que estejam distribuidos o que não levará muitos dias. Os 20 premios pertencerão aos 20 numeros mais premiados d'uma loteria proxima da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa cuja extracção será previamente annunciada no «Campeão das Provincias» jornal d'Aveiro.

A Revista burlesca de 1872, sob o titulo

Androminas Liberaes

pelo dr. Belford, remete-se pelo correio a quem mandar 75 reis em estampilhas á rua do Passadiço, 5, Lisboa.

QUE AMOR DE CRIANÇA!

Pela exm.ª Snr.ª CONDESSA DE SÉ-GUR, Obra ornada com primorosas gravuras. A' venda na Livraria Catholica, rua do Souto n.º 39.

A HERANÇA DE FRANCISCA

Por Madame Bourdon — Traducção de Luiz Pacheco

Vende-se, na rua do Souto n.º 39, por 100 rs.

PIO IX

E

OS SEGREDOS DE LA SALETTE

Concordancia entre a prophecia d'Orval e as cartas de Melania sobre os acontecimentos da actualidade, com uma introdução sobre o incendio e obstinação de Pariz pelo R. P. Huguet.

A' venda na Livraria Catholica rua do Souto n.º 39. Preço 100 rs.

CARDEAL WISEMAN

FAVIOLA

OU

A EGREJA DAS CATACUMBAS

Romance religioso em 2. vol. ornado de gravuras, revisto e corrigido sobre a traducção de Lisboa de 1863 por M. J. de Mesquita Pimentel.

Vende-se na Livraria Catholica, rua do Souto n.º 39. Preço 1500 rs.

As sete palavras de Christo na Cruz, pelo Cardeal Bellarmino, versão portugueza. Vende-se na Livraria Catholica na rua do Souto n.º 39. Preço 400 rs.

EDITOR

M. J. V. da Rocha.